



Observatório de Política Exterior do Brasil

– Informe de Política Externa Brasileira –

DOSSIÊ HAITI

13/01/10 a 05/02/10

Apresentação:

O Observatório de Política Externa Brasileira (OPEB) é um projeto de informação semanal executado pelo Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES), do Centro de Estudos Latino-americanos (CELA) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *campus* de Franca.

Em 2009, o OPEB ganhou prêmio de melhor projeto de extensão na área das Humanidades no V Congresso de Extensão Universitária da UNESP.

O informe é uma resenha a respeito das notícias que têm por tema central a política externa brasileira e que foram veiculadas nos periódicos: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *Correio Braziliense*.

Equipe de redação e revisão:

Coordenação: Profa. Dra. Suzeley Kalil Mathias;

Mestrando em História (UNESP, Franca): Tiago Pedro Vales (bolsista FAPESP);

Graduada em Relações Internacionais: Adriana Suzart de Pádua;

Graduandos em Relações Internacionais: Bruna Hunger Ribeiro (bolsista CNPq).

Apresentação dos Fatos:

No dia 12 de janeiro, o Haiti foi abalado por um terremoto de grande magnitude que atingiu 7 graus na escala Richter, seguido por dois tremores de menor intensidade. O fenômeno também foi sentido na República Dominicana, país que divide a ilha de Hispaniola com o Haiti, e em Cuba.

Grande parte dos prédios da capital Porto Príncipe desabou e as instalações da Organização das Nações Unidas (ONU), bem como a sede da



Observatório de Política Exterior do Brasil

MINUSTAH¹, missão de paz da organização para a estabilização do Haiti, sofreram danos significativos. Além de um quartel-general, a missão de paz comandada pelo Brasil desde sua criação em 2004, mantém dois prédios abrigando companhias no centro da capital e dois "pontos fortes" que funcionam como postos avançados na cidade. Um deles, chamado de "Ponto Forte 22", desabou durante o abalo. A principal prisão da capital haitiana também ficou destruída, causando a morte e fuga de detentos. Além disso, na hora do terremoto, policiais haitianos abriram as celas de diversas delegacias de polícia por razões humanitárias, libertando assim, ainda mais criminosos.

Além de Porto Príncipe, outras pequenas cidades próximas ao epicentro do tremor como Leogane, Petit-Goave e Jacmel foram devastadas. A ONU estima que entre 5 a 10 mil pessoas morreram em Leogane, número que equivale a 20% de sua população.

Após o sismo, as companhias aéreas cancelaram os voos para o país e o único caminho para se chegar ao Haiti passou a ser por Santo Domingo, capital da República Dominicana, que rapidamente reforçou a vigilância de suas fronteiras com o país atingido.

O aeroporto haitiano logo começou a receber ajuda humanitária vinda da Bélgica, Brasil, Canadá, Estados Unidos (EUA), França e Islândia, mas devido ao intenso tráfego aéreo e falta de coordenação dos pousos e decolagens, muitos aviões foram desviados para o aeroporto de Santo Domingo. Nas primeiras horas do dia (14) 15, um primeiro time de soldados estadunidenses que chegou ao país com a missão de prestar ajuda humanitária, recolocou o aeroporto de Porto Príncipe em funcionamento de emergência, o que permitiu que os primeiros aviões de ajuda e resgate pudessem pousar no país.

A população haitiana ficou sem água, luz e comunicação. Nos primeiros dias após os tremores sofreu com a falta de atendimento médico, visto que

¹ A Minustah foi criada para substituir tropas lideradas pelos EUA que intervieram no país em função dos conflitos que levaram à deposição do presidente Jean-Bertrand Aristide acusado de fraude eleitoral. O Brasil possui o maior contingente de pessoal: 1.282, seguido do Uruguai (1.135), Nepal (1.077), Sri Lanka (960) e Jordânia (724). Os policiais vêm de 41 países.



Observatório de Política Exterior do Brasil

muitos hospitais foram destruídos e médicos e enfermeiros morreram vítimas do terremoto. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o aumento da capacidade médica foi uma das principais necessidades haitianas nos primeiros dias pós-desastre. Bélgica e Cuba instalaram unidades de atendimento médico no país. Brasil e EUA também enviaram médicos e equipamentos. Organizações não-governamentais (ONGs) como Médicos Sem Fronteira e Cruz Vermelha se deslocaram para o local. As ocorrências médicas mais freqüentes eram fraturas expostas, cujo tratamento nessas circunstâncias é a amputação do membro.

Além de pessoal especializado, houve falta de suprimento médico, comida e água para os desabrigados, pois embora o país tenha recebido doações, a falta de coordenação entre as agências internacionais e a logística deficiente dificultaram a distribuição de provisões e o pronto atendimento. A destruição de vias de acesso aos lugares mais atingidos acabou provocando a demora no socorro às vítimas.

Em pontos isolados da cidade houve saques ao que restou das lojas, mas foram controlados pelos poucos policiais haitianos que não foram vitimados pelo sismo. O terremoto no país criou a oportunidade para o ressurgimento de grupos rebeldes e gangues criminosas armadas que haviam sido desarticulados pelas tropas da MINUSTAH. O comandante militar das forças de segurança da ONU no Haiti, general Floriano Peixoto, afirmou que o terremoto que atingiu Porto Príncipe levou o país a retroceder a um patamar anterior ao da missão de paz, iniciada em 2004. Em virtude disso, foram acionados 200 homens da operação de paz lotados no interior para que sigam para a capital.

Uma semana após o tremor, o governo do Haiti havia sepultado 72 mil vítimas. Muitos outros cadáveres foram enterrados pelas próprias famílias e ficaram fora das estatísticas oficiais. A estimativa total de mortos até então era de 100 a 200 mil mortos e 250 mil feridos. O número de órfãos criados pelo terremoto chegava a dezenas de milhares em um país que já tinha 380 mil menores abrigados em orfanatos antes do sismo. Grupos internacionais



Observatório de Política Exterior do Brasil

tentavam agilizar o processo de adoções das crianças, mas segundo o Fundo das Nações Unidas para a infância (UNICEF) a adoção deve ser a última opção. A prioridade nesses casos deve ser encontrar as famílias dos menores. No entanto, um voo com 53 órfãos haitianos partiu do Haiti em direção aos EUA para que fossem adotados lá. Outro avião do governo holandês chegou para tentar localizar 109 crianças cuja adoção por famílias holandesas estava em andamento antes da tragédia. Esses dados fazem do terremoto haitiano a mais letal tragédia das Américas em todos os tempos e um dos piores terremotos do mundo nos últimos cem anos.

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) alertou para risco do surgimento de tensões devido ao acesso limitado à água, comida e atendimento médico. Militares norte-americanos relataram incidentes violentos enquanto prestavam assistência humanitária. Como resposta ao caos crescente, foram abertos 280 postos de distribuição de água e alimentos em pontos estratégicos da cidade. As agências humanitárias também chamaram a atenção para o risco de uma crise sanitária no Haiti. Sem banheiros para os desabrigados e com acampamentos precários lotados, com até 40 mil pessoas, a possibilidade do aparecimento de doenças simples, mas potencialmente fatais, se multiplicou. A OMS advertiu para o risco de surtos pontuais ou mesmo epidemias.

A MINUSTAH ainda não conseguia controlar a distribuição de ajuda às vítimas, pulverizada em iniciativas unilaterais de ONGs e de países como Brasil e EUA. Ambos os países foram criticados pela coordenadora de ajuda humanitária da ONU no Haiti, Kim Bolduc. No caso brasileiro, o motivo da crítica foi a distribuição de alimentos e água feita sem nenhuma consulta ao PAM, encarregado de planejar a logística da ajuda internacional. As doações estavam armazenadas na base militar do país e eram distribuídas a instituições ou aos locais selecionados sob responsabilidade brasileira.

No caso dos norte-americanos, estes deveriam participar apenas da prestação de assistência humanitária, enquanto a ONU continuaria a cargo da segurança. Kim Bolduc pediu formalmente a todos os doadores que



Observatório de Política Exterior do Brasil

informassem sobre seus locais de distribuição e exigiu que os EUA deixassem de fazer distribuição aérea para evitar tumulto e violência. Bolduc também advertiu que não era função da missão militar brasileira distribuir comida dentro do organograma da MINUSTAH, e sim do PAM.

No dia 20, um novo tremor, de 6,1 graus na escala Richter, voltou a levar medo aos moradores do sul do país. Dois dias depois, o governo haitiano anunciou a construção de acampamentos temporários nos arredores de Porto Príncipe para reassentar pelo menos 400 mil desabrigados da capital que se encontravam amontoados em campos insalubres na capital, dando-lhes assim, melhores condições de higiene.

Se em um primeiro momento, o impulso dos desabrigados foi deixar a capital do país rumo ao interior ou ao exterior, posteriormente, constatou-se o retorno de haitianos que estavam fora do país, trazendo consigo dinheiro e alimentos, em busca de notícias de parentes. A fronteira com a República Dominicana permaneceu congestionada com alto fluxo em ambos lados.

No dia 23, a ONU anunciou que o governo haitiano deu por encerradas as buscas e o resgate de sobreviventes e desaparecidos apesar de ainda haver salvamentos bem sucedidos. O governo negou o anúncio. No entanto, as equipes que utilizam equipamento pesado deixaram o país. O foco de atenção das equipes de busca passou a ser os feridos. Permaneceram em campo apenas equipes de resgate chamadas leves, sem equipamento pesado.

O governo anunciou a construção de

A falta de segurança fez com que a população se organizasse em brigadas de autodefesa para se proteger dos milhares de criminosos que escaparam da prisão em virtude do terremoto. Os moradores de Cité de Soleil se armaram com faca, foices e martelos para evitar que chefes de gangues voltem a se instalar no local. A falta de segurança também tem beneficiado a ação dos traficantes de drogas que usam o país como rota para que os entorpecentes cheguem aos EUA e à Europa

No dia 25 de janeiro, uma Conferência Preparatória Ministerial em favor do Haiti reuniu cerca de 20 países no Canadá. A principal decisão do encontro



Observatório de Política Exterior do Brasil

foi que o governo do Haiti estará na liderança da recuperação de seu próprio país, mas a ONU terá papel-chave na coordenação dos esforços. Essa decisão foi importante para tentar minimizar a disputa entre EUA, ONU, Brasil, França, União Européia e outros atores pela liderança da reconstrução do país. Não obstante essa decisão os EUA que já controlavam o aeroporto, passaram também a controlar o porto da capital, ponto estratégico que estava fora do acordo assinado entre EUA e a ONU, bem como a fazer patrulhas motorizadas no centro da capital.

Atuação Política dos Atores Envolvidos:

HAITI

Dois dias após o terremoto, o governo haitiano estimou o número de mortos em centenas de milhares. O presidente René Préval e o premiê Jean-Max Bellerive fizeram um balanço da situação que qualificaram como catastrófica, visto que edificações como Palácio Presidencial, Parlamento, prédios ministeriais, Catedral, prisões, escolas e hospitais ruíram. Os governantes solicitaram ajuda humanitária. Préval anunciou a morte do chefe diplomático da MINUSTAH, o tunisiano Hedi Annabi. No entanto, a Organização das Nações (ONU) Unidas não havia confirmado a informação, considerando-o como desaparecido, junto com seu vice, o diplomata brasileiro Luiz Carlos da Costa.

Em reunião com o Ministro da Defesa brasileiro, Nelson Jobim e os comandantes da Marinha, Júlio Soares de Moura Neto, e do Exército, Enzo Martins Peri, o presidente haitiano René Préval apresentou como prioridades de seu país o restabelecimento das comunicações para facilitar as ações de governo, a remoção dos destroços para desobstruir as vias, e o restabelecimento do suprimento de combustíveis para carros do próprio governo.

Após manifestações internacionais a respeito da escalada militar promovida pelos EUA ao país, o presidente haitiano, em entrevista à imprensa,



Observatório de Política Exterior do Brasil

declarou que as tropas dos EUA estavam no Haiti com o aval do governo e que a chanceler Hillary Clinton havia lhe perguntado se ele aceitava a vinda de militares norte-americanos especializados. Préval respondeu que sim e declarou não ter "nenhum bloqueio ideológico" à ajuda tanto de EUA como de Venezuela e Cuba.

Dez dias após o terremoto o governo haitiano, que passou a funcionar de forma improvisada na sede da Polícia Nacional, ficou com somente um dos 18 ministérios intactos e ainda não havia conseguido dimensionar suas perdas. A falta de capacidade de governar após o sismo expôs ainda mais a fragilidade do Estado haitiano, mesmo após mais de cinco anos de assistência da ONU. O presidente haitiano rebateu as críticas de que estava pouco presente na reação ao terremoto.

O governo do Haiti planejou a construção de diversos campos de refugiados nos arredores da capital, Porto Príncipe. O primeiro começou a ser preparado pelo batalhão de engenharia do Exército brasileiro e terá 40 hectares com capacidade para abrigar, no início, 13 mil pessoas. Numa primeira etapa, o acampamento contará com barracas de lona para famílias e depois com construções definitivas. O plano do governo é que no longo prazo os campos se transformem em bairros. A construção será financiada pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento).

Brasil

Após ser informado do terremoto no Haiti, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva manifestou preocupação e solidariedade aos brasileiros e ao povo haitiano de modo geral. O Itamaraty informou que logo depois do ocorrido, a embaixada brasileira ficou sem comunicação, o que dificultou a obtenção de informações. No entanto, o embaixador do Brasil no Haiti, Igor Kipman declarou que não houve feridos entre os funcionários, mas relatou estragos no prédio da Embaixada do Brasil.

No dia 14 de janeiro, em visita a Porto Príncipe, o ministro da Defesa, Nelson Jobim, após ser informado pelo comandante militar da MINUSTAH, general brasileiro Floriano Peixoto Vieira Neto, das necessidades prioritárias do



Observatório de Política Exterior do Brasil

país, como médicos, água e material de engenharia, comprometeu-se a instalar hospitais de campanha militares. Jobim e os comandantes da Marinha, Júlio Soares de Moura Neto, e do Exército, Enzo Martins Peri reuniram-se com o presidente haitiano René Préval e ofereceram ajuda para enterrar os mortos. O ministro brasileiro garantiu que os costumes haitianos seriam respeitados.

Ao mesmo tempo no Brasil, o governo aprovou uma ajuda financeira inicial de US\$ 15 milhões ao Haiti – 5 milhões liberados imediatamente – e enviou um avião com 14 toneladas de medicamentos e alimentos, 50 bombeiros e cães farejadores para ajudar na localização de feridos e de corpos.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva criou um gabinete da crise comandado por Jorge Armando Felix, do Gabinete de Segurança Institucional, para centralizar as informações que chegassem do Haiti e as medidas tomadas pelo governo para ajudar o país caribenho. Lula também entrou em contato com o presidente Barack Obama para definir uma ajuda conjunta de Brasil, EUA e ONU e propôs uma reunião com possíveis doadores para levantar recursos para a reconstrução do Haiti. O ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim reuniu-se com o secretário-geral da ONU e com a secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton, para conversar sobre a coordenação dos esforços e distribuição de ajuda.

Dois dias após a primeira reunião, sobre a coordenação de esforços, o governo brasileiro reagiu ao que considerou uma interferência indevida dos EUA sobre sua posição de comando nas operações de segurança e resgate no Haiti. O Brasil não gostou de ver o controle do aeroporto de Porto Príncipe passar, em questão de horas, das mãos dos haitianos para as mãos dos norte-americanos. O ministro de Relações Exteriores, Celso Amorim qualificou como uma descoordenação o episódio e expôs sua insatisfação à secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton. O chanceler defendeu ainda que a coordenação dos auxílios ao Haiti fosse feita sob a égide da ONU, com o que Hillary teria concordado. O ministro da Defesa, Nelson Jobim, também reagiu declarando que a atitude dos EUA de assumir o controle do aeroporto foi



Observatório de Política Exterior do Brasil

unilateral e que ações humanitárias deveriam ser multilaterais. Jobim procurou reforçar que o comando geral da operação continuará a cargo dos brasileiros e que a MINUSTAH, após o terremoto, mudou automaticamente de perfil, de uma missão de paz, para uma missão de reconstrução.

Baseando-se na situação em que se encontrada o Haiti, o ministro da Defesa afirmou que as tropas brasileiras deverão permanecer no país por pelo menos mais cinco anos, defendendo a ampliação do mandato da Missão de paz que expira em 2011. Jobim pediu ao presidente do Haiti, René Prével, que definisse uma autoridade para coordenar o uso e o pedido de ajuda e doações, e sugeriu que a gestão dos recursos obtidos deveria ser feita pela ONU, via MINUSTAH. Isto porque o Haiti não possui gestores e os recursos financeiros poderiam se perder.

Após o anúncio feito pelos EUA, de envio de mais soldados, totalizando um contingente de 10 mil homens para o país caribenho, o que permitiria na prática o controle das operações de resgate, auxílio e segurança no país, pertencente até então das forças de paz da ONU, comandadas militarmente pelo Brasil, o ministro Jobim confirmou a possibilidade de aumento do contingente nacional naquele país.

No dia 16, Brasil e EUA acertaram uma parceria para a distribuição de alimentos em Porto Príncipe. O Brasil ficou responsável pela segurança da operação, e os EUA pela comida pronta e água. A parceria foi resultado de um pedido do representante militar dos EUA no país, Eric Stuart.

O gabinete de crise do governo criou, no dia 20, uma equipe integrada por representantes de quatro ministérios (Relações Exteriores, Saúde, Defesa e Integração Nacional) que foram ao Haiti para coordenar o gerenciamento e a remessa de suprimentos especializados aos haitianos. Segundo o governo, a medida foi tomada como forma de aliviar o trabalho da MINUSTAH, que estaria sobrecarregada.

Nesse mesmo dia, Cerca de 50 soldados brasileiros assumiram o controle de uma área em Cité Soleil, reduto dos milicianos que voltaram a disputar território na favela depois de escapar do presídio destruído pelo



Observatório de Política Exterior do Brasil

terremoto. Segundo o capitão Marcelo Domingues, comandante de uma das bases na favela, o Exército conta com a cooperação dos moradores, que passam informações sobre os bandidos. Depois da fuga da prisão, alguns moradores se armaram com paus e facões e formaram "brigadas" para enfrentar os milicianos.

O ministro das Relações Exteriores Celso Amorim negou que estivesse havendo disputa de liderança entre Brasil e EUA. No entanto, o Brasil aprovou reforço de seu contingente no país após os EUA terem confirmado que possuíam 10 mil homens em território haitiano. Os militares brasileiros também detectaram a atuação das forças norte-americanas em funções além daquelas estipuladas pela ONU e um maior número de bandeiras estadunidenses em Porto Príncipe.

Numa tentativa de responder à crescente visibilidade das tropas americanas no Haiti, o Brasil, montou no dia 22, uma grande operação de distribuição de cestas básicas às vítimas do terremoto com objetivos assumidamente propagandísticos. A ação foi criticada pela coordenadora do Programa Alimentar Mundial (PAM), Kim Bolduc, porque o Brasil não avisou a organização sobre a distribuição.

O chanceler Celso Amorim sugeriu, no dia 23, durante visita a Porto Príncipe, que o governo brasileiro liderasse os esforços internacionais para reconstruir o Haiti e que os brasileiros ajudariam na formação de novos funcionários para o governo do Haiti, para substituir os que morreram no terremoto. Amorim procurou minimizar as divergências com os EUA acerca dos esforços de ajuda aos haitianos. O ministro e o general Floriano Peixoto, comandante militar da MINUSTAH, alegaram que existe "harmonia" entre as tropas dos dois países. O chanceler deixou clara sua visão sobre os respectivos papéis de Brasília e Washington no Haiti. A presença do Brasil no Haiti seria de longo prazo, enquanto a das forças norte-americanas seria passageira. Além disso, o Brasil não estaria preocupado com a liderança regional, mas sim em ajudar o Haiti, com respeito aos mandatos internacionais e com respeito ao governo do Haiti.



Observatório de Política Exterior do Brasil

Na conferência realizada em Montreal (Canadá), no dia 25, com a presença de cerca de 20 países e entidades multilaterais, Amorim apresentou os pontos mais importantes do "plano Lula" para a reconstrução do Haiti: Primazia do governo haitiano, fortalecimento do governo haitiano, coordenação das ONU, ênfase na emergência, aos poucos passando também para a reconstrução e em alguns casos até construção de estruturas para o Haiti.

Sobre o aumento de tropas brasileiras na MINUSTAH, Amorim fez uma crítica indireta aos EUA, que contava naquele momento com 20 mil homens no país caribenho, a afirmar que uma das razões pela qual a MINUSTAH era muito respeitada devia-se ao fato de ter conseguido restabelecer a ordem sem uma presença ostensiva semelhante à força de ocupação.

No dia 27 de janeiro, o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim, afirmou perante o Conselho dos Direitos Humanos da ONU, que o maior desafio da comunidade internacional seria ajudar o Haiti preservando a soberania do país. Na mensagem ao Conselho, reunido em sessão extraordinária em Genebra, na Suíça, Amorim afirmou que caberia às autoridades haitianas determinar as necessidades e prioridades de seu povo.

No dia seguinte, o Brasil pediu, na sessão especial sobre a tragédia no Haiti realizada no 40º Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, que todos os países do mundo em condições de fazê-lo, aplicassem tributação zero sobre os produtos procedentes do Haiti durante um prazo de 15 a 20 anos, como forma de ajudar na recuperação do país.

Para Amorim, haveria quatro questões básicas para o país caribenho se recuperar da devastação, a médio e longo prazos: trabalho, energia, meio ambiente e segurança alimentar. O chanceler brasileiro pediu investimentos para dar trabalho aos jovens haitianos e ofereceu a cooperação do Brasil para desenvolver biocombustíveis.

Em 29 de janeiro, os vice-ministros de Defesa da União Sul-americana de Nações (Unasul) assinaram, no Equador, um compromisso para ajudar o Haiti a amenizar os estragos provocados pelo terremoto de 12 de janeiro. Eles



Observatório de Política Exterior do Brasil

se comprometeram a continuar colaborando no resgate de sobreviventes, no atendimento aos feridos e na reconstrução do país.

EUA

No dia 13 de janeiro, o presidente dos Estados Unidos (EUA), Barack Obama, ofereceu ajuda humanitária ao Haiti. O Departamento de Estado norte-americano, a Usaid, agência federal de auxílio internacional do país, e o Comando Sul do Pentágono foram convocados para coordenar e preparar uma ação conjunta para responder com um esforço rápido, coordenado e agressivo para salvar vidas e lidar com a situação haitiana. Segundo Obama, a prioridade da operação seria localizar os americanos que viviam no país. No dia seguinte, o Comando Sul do Pentágono informou que aviões da Marinha fizeram voos de reconhecimento de danos e que um time de 30 soldados saiu de Miami para ajudar no restabelecimento dos voos no Haiti. Além desse pessoal, um porta-aviões, destróieres, helicópteros e pequenas embarcações foram desviados para o país caribenho e segundo o chefe do Comando Sul, general Douglas Fraser, num prazo de 4 dias cerca de 5,7 mil homens estariam em solo haitiano.

Em um segundo pronunciamento oficial em menos de 24 horas, o presidente estadunidense prometeu enviar US\$ 100 milhões em ajuda humanitária para o país. Momentos antes, o diretor-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, havia anunciado quantia semelhante disponível de forma imediata para o Haiti. Obama solicitou que o serviço de imigração suspendesse os processos de extradição dos haitianos ilegais vivendo nos EUA e pediu que seus antecessores, os ex-presidentes George W. Bush e Bill Clinton trabalhassem juntos no comando de uma comissão para coordenar os esforços de resgate e ajuda. A função principal dos líderes seria arrecadar dinheiro.

Apesar de toda essa movimentação, funcionários do governo estadunidense fizeram questão de ressaltar que os EUA não estavam no comando das operações de resgate ou do Haiti. O presidente norte-americano



Observatório de Política Exterior do Brasil

também reafirmou essa posição deixando clara sua associação com a ONU e elogiou os brasileiros. Não obstante, no dia 15 de janeiro foi autorizada uma escalada militar norte-americana ao país caribenho com o envio de cerca de 10 mil soldados, número bem superior ao contingente militar da ONU no país, cerca de 7 mil homens comandados militarmente pelo Brasil. O aumento da presença militar dos EUA causou atritos com os comandos militares e a diplomacia de outros países, principalmente o Brasil. O secretário de Defesa, Robert Gates declarou que os norte-americanos estavam claramente em posição de fazer mais do que os outros, devido à proximidade e à capacidade, e que o ponto-chave da operação seria a coordenação dos esforços. Embora o Pentágono tenha afirmado que, se necessário, os militares realizariam missões de segurança, o Departamento de Estado reforçou o papel do Brasil nessas ações.

No dia (14) 15 de janeiro, os norte-americanos assumiram o controle do aeroporto de Porto Príncipe e suspenderam os vôos civis para o país na tentativa de agilizar a logística e fazer com que os aviões contendo ajuda humanitária chegassem mais rápido ao país.

Em visita a Porto Príncipe no dia 16, a secretária de Estado, Hillary Clinton, sugeriu que o governo de Barack Obama buscava mais poder de ação no país para poder atuar sem amarras, inclusive em questões de segurança.

No dia 19, os EUA anunciaram que o total de seu efetivo no país caribenho aumentaria para 13,3 mil soldados. A corrida pelo envio dos soldados aumentou a confusão em torno de quem comandaria as operações no Haiti, principalmente das ações envolvendo segurança, que, aos poucos, passaram a ser um dos aspectos mais importantes nos esforços pela recuperação do país: se a ONU, e conseqüentemente o Brasil, país que chefia a força de paz; se os EUA, de longe com mais recursos e pessoal em atuação ali; ou se o governo do Haiti, que, se já era enfraquecido antes do desastre, e naquele momento encontrava-se virtualmente inoperante. Essa sensação foi reforçada pelo comunicado conjunto divulgado pelo presidente René Préval e a secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton no dia 18 de janeiro. O



Observatório de Política Exterior do Brasil

presidente Préval, em nome do governo e do povo do Haiti, anunciou que acolhia as iniciativas essenciais empreendidas pelo governo e pelo povo dos EUA no Haiti, em apoio à recuperação e à estabilização imediata e à reconstrução do Haiti a longo prazo. No entanto, de acordo com o chanceler brasileiro, Celso Amorim, a secretária de Estado norte-americano foi muito clara, tanto em conversas particulares quanto em declarações públicas, ao dizer que as forças estadunidenses seriam para ajuda humanitária e que a condução da questão da segurança caberia à MINUSTAH.

Ciente do aumento da tensão entre os diversos atores, Barack Obama liderou uma bateria de telefonemas diplomáticos. O presidente norte-americano falou com seu homólogo brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, para quem elogiou a atuação brasileira, e com o secretário-geral Ban Ki-moon. O almirante Mike Mullen, do Estado-Maior, falou com o ministro da Defesa Nelson Jobim. E o general Ken Keen, da força-tarefa do Haiti, conversou com o comandante da MINUSTAH, Floriano Peixoto.

No dia 20, os EUA confirmaram o envio de mais 4.000 militares, além dos já destacados, para os esforços de resgate pós-terremoto no Haiti, levando o contingente total do país a quase 16 mil homens. O secretário da Defesa americano, Robert Gates, afirmou que os EUA enviaram ainda ao Haiti equipamentos para remover escombros do leito marinho na costa de Porto Príncipe e que, em duas semanas, o porto da capital seria reativado. O alto número de militares dos EUA e sua ação no Haiti, onde assumiram o controle do aeroporto com anuência do governo local, despertaram críticas em outros países, que reclamam da "descoordenação" das ações de ajuda. O controle sobre o aeroporto haitiano recebeu a maior parte das críticas. Essa situação levou o chanceler brasileiro a entrar em contato com a secretária de Estado norte-americano para reclamar prioridade às aeronaves brasileiras. Assim como o Brasil, outros países também tiveram dificuldades. França protestou à embaixada norte-americana sobre o impedimento de pouso de aeronaves do país. Um grupo de bombeiros do Peru também visitou a base



Observatório de Política Exterior do Brasil

militar brasileira para reclamar da falta de autorização para a chegada de um avião peruano com remédios e material hospitalar.

Mesmo fora do acordo assinado entre os EUA e a ONU para administração dos pontos estratégicos de Porto Príncipe, o porto da capital haitiana também passou a ser controlado por tropas americanas. Centenas de militares do Exército, da Marinha e da Guarda Costeira patrulhavam o local e trabalhavam no conserto de 1 dos 2 terminais de carga danificados no dia 26. Embora o memorando assinado entre EUA, ONU e MINUSTAH tenha dado ao primeiro apenas o controle interno do aeroporto, e um papel na segurança dos comboios de ajuda humanitária, na prática, a presença dos EUA passou a ser cada vez mais visível em patrulhas pela cidade, a pé ou em jipes militares Hummer.

A presença ostensiva das forças militares norte-americanas foi alvo de críticas por parte de alguns órgãos da imprensa como TVs CNN e Al Jazeera e países como Itália e França não a entenderam. O Brasil também criticou a ação dos EUA no país. A secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton lamentou os ataques à iniciativa de ajuda humanitária estadunidense, afirmando que esta foi mal-interpretada.

Alguns dias depois da declaração de Hillary Clinton, o Pentágono informou que os EUA deslocaram ao Haiti seis aviões não tripulados Predator para ajudar a missão militar norte-americana no país. Os aviões darão informação visual 24h por dia às tropas em terra. A operação foi autorizada pelo governo haitiano.

Um grupo de religiosos foi detido no dia 31, em Porto Príncipe, após tentar atravessar a fronteira para a República Dominicana levando 33 crianças com idades entre dois meses e 12 anos, sem nenhuma documentação. O Instituto Haitiano de Bem-Estar Social, responsável por adoções, informou que a maioria das crianças tinha família. O ministro da Assistência Social, Yves Cristallin, declarou que os americanos eram suspeitos de participação em um esquema de adoção ilegal. Seguindo recomendação do UNICEF, o país suspendeu as adoções, temendo que crianças perdidas ou órfãs ficassem mais



Observatório de Política Exterior do Brasil

vulneráveis ao tráfico infantil. O governador da Florida, Charile Crist, disse que o Estado já recebeu 300 órfãos haitianos depois do terremoto. O tráfico infantil é um problema de longa data no país.

ONU

No dia seguinte ao terremoto, a ONU informou que a sede da MINUSTAH, um prédio de cinco andares em Porto Príncipe, foi destruída. Ao menos 16 funcionários da organização morreram, e 150 estavam desaparecidos. Além dos 14 soldados brasileiros cuja morte foi confirmada por Brasília, oito soldados chineses, três jordanianos, um argentino e um chadiano tiveram suas mortes confirmadas. Todos faziam parte da missão de paz.

Após lançar um apelo para arrecadar US\$ 560 milhões em doações para o Haiti, o Conselho de Segurança da ONU se reuniu no dia 18, por pressão do Brasil e a pedido do México, para definir a função dos envolvidos na condução dos esforços de resgate, segurança e reconstrução do Haiti. Tal definição visou levar a termo a disputa por liderança das ações humanitárias. O secretário-geral do Itamaraty, Antônio Patriota, declarou que um memorando estava sendo elaborado para que ficassem claras as responsabilidades de cada um. E contrariando o que foi dito pelo ministro da Defesa, Nelson Jobim, sobre a permanência da MINUSTAH até 2015, Patriota lembrou que esta definição depende do Conselho de Segurança da ONU, da mesma forma que a determinação de reforço para a MINUSTAH, dependeria do representante do secretário-geral da organização no Haiti, Edmond Mullet.

Atendendo ao pedido feito pelo secretário-geral, Ban Ki-moon, o Conselho de Segurança aprovou no dia 19, por unanimidade, o envio de 3.500 novos soldados e policiais para se juntar aos cerca de 9.000 homens da MINUSTAH. Os soldados adicionais seriam destinados a fazer a escolta dos comboios humanitários, conforme sugestão do chanceler Celso Amorim, em virtude da deterioração da segurança no país, e definiriam um pouco mais os papéis dos diversos atores ali presentes. No entanto, o comando militar da MINUSTAH, general Floriano Peixoto, considerou a aprovação para o envio de



Observatório de Política Exterior do Brasil

mais 3.500 policiais e soldados ao país como "preventiva", tornando-se efetiva apenas se estudos encomendados para analisar a situação pós-terremoto julgassem pertinente.

Reforçando o caráter preventivo do aumento do contingente apontado pelo Gal. Peixoto, Edmond Mulet, afirmou que violência em Porto Príncipe naquele momento não era generalizada, não havendo saques ou gangues atacando ou controlando a cidade, como alguns meios de comunicação reportaram.

Ainda como medida preventiva, a MINUSTAH se dedicou a desarmar a população na tentativa de conter a violência no país e evitar que a busca por água e comida se transformasse em um problema de segurança pública. As tropas brasileiras voltaram a garantir prioritariamente a segurança na área de atuação em Porto Príncipe.

A ONU informou que as principais preocupações incluíam as limitações operacionais do pequeno aeroporto da capital, a falta de locais para estocar alimentos, o congestionamento da estrada para a República Dominicana, o porto marítimo de Porto Príncipe inoperante, a falta de helicópteros e caminhões, a falta de combustível e a grande dispersão de desabrigados.

A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) anunciou sua estratégia para reconstruir o Haiti. O programa foi orçado em US\$ 700 milhões e dá prioridade a investimentos no setor rural, prevendo até mesmo o apoio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). O dinheiro pedido pela FAO terá como objetivo a reconstrução de infraestrutura e o aumento substancial no volume de alimentos produzidos no país caribenho. A estratégia também tem como finalidade criar postos de trabalho nas cidades do interior para os milhares de haitianos que deixaram Porto Príncipe.

Reuniões de Ajuda

Em 19 de janeiro, líderes da União Europeia (UE), Grupo do Rio, Comunidade de Estados do Caribe (Caricom), Banco Interamericano de



Observatório de Política Exterior do Brasil

Desenvolvimento (BID), Organização dos Estados Americanos (OEA), Cruz Vermelha e Canadá concluíram a Cúpula pelo Futuro do Haiti que aconteceu no Palácio Nacional em Santo Domingo, capital da República Dominicana. O representante do BID, Manuel Labrado, confirmou o perdão da dívida do Haiti, calculada em US\$ 480 milhões e propôs um pacote de assistência financeira para cooperar com os planos imediatos de recuperação do país.

Segundo Labrado, o pacote incluiria a doação de US\$ 364 milhões para uso imediato, assim como a criação de um fundo de seis anos para ajudar na reconstrução do Haiti.

No encontro, que contou com a presença do presidente haitiano, René Préval, falou-se na elaboração de um programa de cinco anos com investimento de US\$ 10 bilhões para o desenvolvimento do país. A vice-presidenta do governo espanhol e atual presidenta da UE, María Teresa Fernández de la Vega, ressaltou que o bloco europeu desembolsará, inicialmente, US\$ 175 milhões para ajuda de emergência ao Haiti.

Préval destacou que o mais importante no momento é coordenar a ajuda ao Haiti e trabalhar pela criação de emprego e instituições democráticas. Os líderes presentes concordaram em criar um comitê para coordenação das ajudas da reconstrução. A pedido de Préval, a sede ficará na República Dominicana. A equipe será integrada por representantes do Haiti, República Dominicana, Brasil, México, EUA, Canadá, ONU, UE, OEA, Grupo do Rio, Caricom e BID. Já o presidente dominicano, Leonel Fernández, insistiu que o comitê planeje uma estratégia de segurança alimentar, para aumentar a produção agropecuária haitiana e evitar que o país continue importando quase todos os alimentos que consome.

Posteriormente, mais de 20 países e entidades multinacionais se reuniram no dia 25 em Montréal, no Canadá, para coordenar os esforços de ajuda internacional ao Haiti, e mais uma vez, tentar definir o papel dos principais atores na reconstrução do país. O agravamento da incapacidade do governo haitiano de comandar a situação associada à atuação tímida da Organização dos Estados Americanos (OEA) evidenciou a disputa de Brasil e



Observatório de Política Exterior do Brasil

EUA pelo protagonismo das ações. Participaram do encontro a portas fechadas o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, o Grupo de Amigos do Haiti (Brasil, Argentina, Canadá, Chile, Costa Rica, EUA, França, México, Peru e Uruguai), parceiros-chave (Espanha, Japão e União Europeia), a vizinha República Dominicana e ONU, OEA, Caricom (Comunidade do Caribe), FMI e outros. Na reunião, ficou decidido que o governo do Haiti estaria na liderança da recuperação de seu próprio país, mas a ONU teria papel-chave na coordenação dos esforços. Tal decisão visou acabar com a disputa de bastidores pela primazia nas ações de recuperação do país, que, nos últimos dias, tem causado confusão e tensão entre EUA, ONU, Brasil, França e União Europeia, entre outros atores com interesse e participação ali.

Manifestações da Comunidade Internacional

Em Paris, o chanceler Bernard Kouchner expressou a total solidariedade do governo francês.

O Reino Unido declarou enviar uma equipe de bombeiros para participar no salvamento e técnicos para assessorar a reconstrução.

O governo espanhol prometeu US\$ 4,4 milhões de ajuda, além de três aviões com 100 toneladas de barracas, cobertores e itens de cozinha.

O presidente venezuelano, Hugo Chávez, assegurou que enviaria uma equipe com 50 pessoas, acompanhada de alimentos e equipamento médico.

O Peru também se comprometeu com os esforços de socorro.

O papa Bento XVI pediu à extensa rede de caridade da Igreja Católica que se mobilizasse prontamente para ajudar as vítimas do terremoto.

Organizações não governamentais como a Cruz Vermelha, e a Médicos Sem Fronteiras (MSF) também planejaram enviar reforços.

Uma delegação do Exército israelense, com 220 pessoas desembarcou em Porto Príncipe para instalar um hospital de campanha com capacidade para atender 500 pacientes por dia. Além da equipe que trabalhará dentro do hospital ambulante, a delegação conta com cerca de 30 soldados e oficiais especializados na busca e no resgate de sobreviventes de terremotos e



Observatório de Política Exterior do Brasil

desmoronamentos, além de forças de logística e comunicação. A polícia israelense também enviou um grupo ao Haiti, com técnicos em perícia forense e identificação de corpos por meio da arcada dentária e de impressões digitais. Israel divulgou ainda um comunicado oficial ao governo do Haiti em solidariedade às vítimas do terremoto. Uma conta bancária especial foi aberta para receber doações da população para os desabrigados.

Também no dia 15, o presidente de Cuba, Raúl Castro, anunciou a permissão para os aviões militares norte-americanos usarem o espaço aéreo da ilha para facilitar a chegada de ajuda ao Haiti. Tal medida reduziu em 90 minutos o tempo de voo entre Miami e Porto Príncipe. O chanceler cubano, Bruno Rodríguez, informou que o país também enviaria mais médicos ao Haiti.

No dia 19, União Européia (UE) prometeu além das doações individuais de seus integrantes, uma contribuição financeira de 122 milhões de euros para os esforços humanitários no Haiti, totalizando um montante de 300 milhões. Em contrapartida, exigiu mais coordenação na utilização dos fundos em campo, ecoando preocupações manifestadas pelo secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, pelas agências humanitárias envolvidas, por analistas e observadores. Os europeus pleitearam ainda uma maior participação na coordenação das ações com a ONU e os EUA e anunciaram o envio de 150 policiais para reforçar a segurança em Porto Príncipe.

No dia 22, o presidente venezuelano Hugo Chávez afirmou que os esforços dos Estados Unidos no Haiti não são suficientes e disse ao presidente Barack Obama que envie vacinas em vez de soldados armados ao país caribenho. Chávez acusou os EUA de usarem o terremoto no Haiti como um pretexto para uma ocupação imperial, palavras dele, na devastada nação. O líder cubano Fidel Castro questionou a razão pela qual os Estados Unidos e outros países enviam soldados para o Haiti, afirmando que a presença militar atrapalha a cooperação internacional. Ele lembrou que vários governos reclamaram que os soldados os impediram de pousar aviões com ajuda humanitária e pediram que a ONU faça uma investigação. Segundo Castro, é necessário discutir seriamente o assunto e garantir à ONU um papel



Observatório de Política Exterior do Brasil

direcionador que corresponde a ela nesse delicado assunto. O presidente da Bolívia, Evo Morales, aliado de Fidel Castro, defendeu uma condenação da ONU ao que chama de ocupação norte-americana do Haiti.

No dia 26, a UE anunciou o envio de cerca de 300 policiais, de países como França, Holanda, Itália e Espanha, para ajudar a ONU na distribuição da ajuda humanitária e na segurança do Haiti. A UE também montou, em Bruxelas, um escritório para coordenar a ajuda ao país. A Comissão Europeia pediu aos Estados-membros da UE prudência ao acelerar a adoção de órfãos haitianos, já que a situação familiar de muitos deles ainda era desconhecida. Grupos humanitários afirmaram que os órfãos do terremoto estavam sob perigo crescente de tráfico humano e adoção ilegal.